

**BAKHTIN, Mikhail M. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, 160 p.**

Aline Gomes Souza \*

O que é um ato responsável e qual seria uma orientação para a sua filosofia? O que é e como é saber sobre isso? Como é chegar a conhecer a filosofia do ato ou de um ato? E de um ato responsável? Isso é possível? Como é o ato responsável segundo a filosofia da linguagem? Encontrar respostas pontuais sobre esse assunto não deve ser tarefa muito fácil, mas discutir criticamente sobre isso, para uma possível direção ou solução (ou não solução), foi o passo dado filosoficamente por Mikhail M. Bakhtin em um de seus textos, denominado “*Para uma filosofia do ato responsável*”.

A título de curiosidade, ao passar os olhos rapidamente nesse texto de Bakhtin é possível encontrar vários momentos em que a palavra *estética* é citada. Tal palavra está ao mesmo tempo ligada a outra e isso chamou a minha atenção logo de pronto, em especial ao ler as primeiras linhas do tal texto, que mais parece o continuar de um longo diálogo começado dias antes e que não foi ainda finalizado (a conclusão é de que o livro ficou por ser terminado). Ele inicia, dizendo: *Também a atividade estética não consegue ligar-se a esta característica do existir...* (p. 41).

Posteriormente, ao ler a mesma e as outras páginas do livro, percebi ainda que a palavra *estética* estava presente e fazia par com outras, como por exemplo: *produto da atividade estética, percepção estética* (p. 41); *dever estético* (p. 47); *contemplação estética* (p. 60); *o mundo da visão estética* (p. 60, 128); *o reflexo estético da vida viva* (p. 61); *intuição estética, ação-ato da visão estética* (p. 64); *empatia estética* (p. 65); *ser estético, responsabilidade estética e mundo estético* (p. 66); *razão estética* (p. 67); *recepção estética* (p. 132); *arquitetônica estética* (p. 140), entre ou-

---

\* Doutoranda em Letras e Linguística pela UFG, bolsita da FAPEG, e-mail: zagucha1@hotmail.com

tras. Enfim, ao realizar o *scanning* do livro todo, desse modo, pude perceber que tais palavras seriam encontradas no decorrer da minha leitura mais focada e fiquei me perguntando se o vocábulo *estético* teria alguma relação com o recado a ser dado por Bakhtin nessa obra. Além de querer saber que sentido ele queria dar a esse vocábulo.

Ao dar início a uma leitura mais contemplativa, contudo, suspeitei que Bakhtin parecesse querer direcionar o leitor para outros aspectos além da palavra *estética*, claro, e que tal palavra está ali apenas como mais uma que compõe e/ou contrapõe outros vocábulos e sentidos. Mas seria isso mesmo? Qual seria a relação dessa palavra com a filosofia do ato, por exemplo?

Alguns fatos vão sendo por mim constatados à medida que faço a leitura. Um deles é que *Para uma filosofia do ato responsável* é um esboço, ou melhor, um trabalho primeiro que parece carecer de correções antes do texto definitivo. Isso fica evidente ainda na introdução, antes da primeira parte, quando Bakhtin explicita o seu planejamento para tal estudo, prometendo que na primeira parte dele tratará da arquitetônica do mundo real enquanto algo vivido. Na segunda, diz que dedicará à atividade estética do ponto de vista do autor que participa. Na terceira parte, faz referência à ética da política. E, para terminar, a quarta, diz que irá abordar sobre a ética referente à religião. Essa promessa parece não ser cumprida, no entanto, por apresentar ser diferente de fato, pois tal texto traz apenas a introdução e a primeira parte.

Do meu ponto de vista, mesmo o texto não contendo as partes prometidas. Considero que apenas as duas apresentadas foram já suficientes para tratar de questões tão seminiais, em especial, para a filosofia da linguagem e para o ato responsável, pois a densidade e a quantidade de informações podem ser tateadas já no início do texto, isto é, já na introdução. Além disso, percebo que esse peso textual se dá porque Bakhtin vai além do que é costumeiramente defendido pelos teóricos e filósofos que ele utiliza como referência para organizar a sua filosofia do ato. Bakhtin menciona Kant, Platão, Bergson, Newton, entre outros, e, dessa forma vai compondo um ato que, de algum modo, tem a finalidade de criticar em especial o teorismo, que pretende observar e fazer teoria a respeito do e para o mundo de forma abstrata.

Já nas primeiras páginas de *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, percebi a declaração de Bakhtin de que a atividade estética não se liga à magnitude do evento como ato que acontece de modo liberto e que o produto dessa atividade tampouco é o existir. Para Bakhtin, o produto da atividade estética pode fazer parte do existir

por meio de um ato histórico na percepção estética em atividade. Essa percepção estética, por sua vez, não dá conta da amplitude do evento singular, pois suas representações são de, alguma forma, objetivadas, isto é, perdem seu caráter de nunca se repetir. Na visão do autor, apenas na sua completude, um ato é real. Falando de outro modo, um ato só é no seu existir, em sendo vivo, em se realizando, ou seja, um ato é real, quando ele participa do evento. Do contrário, se em contato com algum domínio de sentido como a ciência, a arte, a história, o ato, por exemplo, perde a sua totalidade real.

Para ampliar essa discussão, Bakhtin então nos provoca dizendo que quando o ato real é separado de sua existência, isto é, quando um ato é separado da sua realidade, da sua história vivida, dois mundos vão à tona separados um do outro: de um lado, segundo o autor, está o mundo em que cada um de nós cria, realiza, vive, ou seja, o da vida; do outro, o mundo fora do ato, que é o da cultura ou teórico.

Quando Bakhtin fala dessa separação, ele explica que cada um vive experiências e, ao vivê-las, não deixa de observar dois momentos ou duas direções divergentes. Para chegar nessa conclusão, o autor acaba utilizando a metáfora do Jano bifronte, explicando que o ato individual, a experiência de cada um, o que cada um vive, isto é, qualquer ato que o indivíduo realiza, olha, assim como o Jano bifronte, em direções opostas: para o mundo da cultura e para o mundo da vida. Essas duas direções, no entanto, permanecem em direções opostas, sem atingirem uma plataforma em comum.

Bakhtin fala da possibilidade de se estabelecer uma unidade única, que é o momento do existir ao ser realizado. O evento singular tem vários momentos e o momento teórico ou estético nada mais é do que uma parte do momento vivido. O ato, desse modo, tem responsabilidade bidirecional: uma especial e uma moral, isto é, uma no que diz respeito ao seu sentido e outra ao seu existir. Para o autor, há apenas um jeito de vencer a divisão malévolamente e a blindagem recíproca entre cultura e vida: quando for acrescentada uma responsabilidade especial à responsabilidade moral.

É interessante como Bakhtin explica essa dualidade entre mundo da vida e da cultura, por meio do exemplo do ato de pensar. A vida inteira, então, é um longo e complexo ato no qual o ato de pensar ou cada pensamento do indivíduo com seu conteúdo pode ser entendido como um ato singular. Segundo o autor, tanto o momento do sentido quanto o do fato histórico são inseparáveis no instante de valoração deste ato como responsávelmente meu. Desse meu ato responsável de pensamento, no entanto, há como retirar, por abstração, o seu conteúdo-sentido,

isto é, há como retirar o que o torna completo, que é o momento de validação teórica. Esse aspecto teórico, assim, é necessário para a validação do ato. Do contrário, para a validação teórica do juízo, o ato histórico, o vivido não faz diferença para o aspecto abstrato do sentido. Ou seja, o meu momento histórico não cabe no juízo teórico. Um ato individual, que nada mais é do que um ato passível de incumbências na vida do sujeito, não é importante para validar o juízo teórico.

Para reiterar sobre a divisão entre vida e cultura, Bakhtin fala ainda do dever. Na sua visão, considerar o dever como categoria formal é errôneo. Se dever fosse uma categoria formal, vida e cultura não seriam separadas. Ou seja, haveria apenas um único contexto para o mundo da vida e o mundo da cultura. O autor diz que para o dever é necessário que exista o ato de resposta do sujeito, reconhecendo a veracidade desse dever, pois o momento teórico não o comporta e, nem dele, ou seja, do dever, é possível inferir qualquer definição ou proposição. Bakhtin diz que o dever é inerente ao ato e o ato é exclusivo do indivíduo, como o pensamento, o sentimento. Ainda em relação ao dever, Bakhtin acaba por falar um pouco sobre o sujeito. Para ele, diferentemente das normas morais que não existem, o sujeito tem existência e constituição. Ele complementa dizendo que é o sujeito que sabe quando realizar o seu dever moral.

Para o autor, o sujeito teórico foi inventado, aquele que não existe, algo nada benéfico. Tal sujeito, segundo Bakhtin, tinha que se unir a um ser humano efetivo para incorporar-se ao mundo do existir. Mas isso não ocorre. Ela explica que partir do interior do sujeito teórico, na tentativa de se chegar ao dever real vivo, não é possível. Muitas vezes, quando o conteúdo está separado do ato singular realizado, ficamos a disposição das leis. Consequentemente, certas leis, sendo autônomas, passam a nos comandar e então nos tornamos presos a elas. Dessa forma, isto é, apartados, não conseguimos então agir responsabilmente.

Para ilustrar essa questão, Bakhtin toma como exemplo o mundo tecnológico, que é um mundo que sabe do regimento das suas próprias regras, submetendo-se a elas e sem querer saber a finalidade e consequências dessas leis. Isso porque para o autor o tecnológico é um mundo abstraído do evento singular e a lei que o regula pode invadir a vida de cada um irresponsavelmente, algo impetuoso, pois falta reflexão. Bakhtin (p. 50) afirma que tudo que é tecnológico com suas leis separadas do existir é de dar medo. Nas suas palavras: “É aterrorizante tudo o que é tecnológico, quando abstraído da unidade singular do existir de cada um e deixado entregue à vontade da lei imanente de seu desenvolvimento”. O tecnológico, como se vê, pode esbarrar, segundo o autor, na vida de cada um e destruí-la.

Bakhtin repete várias vezes, declarando que o mundo teórico é autônomo e não se preocupa com a vida singular de cada um. Não se preocupando com a viver singular, tal mundo se julga o único, característica do mundo moderno (aqui, como se vê, o autor critica também o modernismo). É interessante como Bakhtin defende o singular, o historicamente vivido, que para ele tem muito mais peso do que aquilo que é apenas pensado, como o é o mundo teórico. Esse mundo teórico não considera, segundo o autor, a existência do indivíduo, não oferecendo nada a sua vida e ao agir responsável. Do contrário, se o mundo teórico pudesse acrescentar ou tirar algo do viver singular do indivíduo, e se o mundo teórico fosse o único, tal indivíduo não existiria.

Então, quer dizer que o mundo teórico priva o indivíduo, petrifica o existir? Bakhtin traz a resposta, dizendo que o ato histórico e singular não é parte do mundo teórico congelado, mas é parte do indivíduo e do seu viver responsável. O mundo abstrato teórico não corresponde ao mundo onde o ato é parte. Nesse sentido, Bakhtin então explica que “no momento do ato, o mundo se reestrutura em um instante, a sua verdadeira arquitetura se restabelece, na qual tudo o que é teoricamente concebível não é mais que um aspecto.” (p. 53). Vivemos, segundo ele, uma duplicidade. A isso que foi explicado, o autor chama “realismo ingênuo” (p. 53), sendo esse próximo da verdade. Tal apontamento indica que por ser apenas algo bem perto da verdade, o realismo não edifica nenhum tipo de teoria.

No geral, valorizamos tanto as descobertas científicas e as colocamos acima de tudo, mas esse é o preço da duração infinita delas que é o oposto da temporalidade real do existir. A descoberta tem lá a sua verdade validada e disso Bakhtin discute. Sobre verdade, o autor dá seu parecer. Ele diz que a validade da verdade é absoluta, eterna e autônoma, sendo essa a melhor particularidade da sua natureza, que é levada em conta pelo ato responsável. Quando alguém conhece a verdade por meio da descoberta ela não se torna mais legítima, apenas conhecida.

Isso pode ser evidenciado nas leis de Newton. Na visão de Bakhtin, as tais leis antes de serem descobertas por Newton já eram válidas, isto é, “não foi esta descoberta que as tornou válidas pela primeira vez; mas tais verdades não existiam como momentos conhecidos, incorporados ao existir-evento único, o que é de essencial importância, porque é isso que constitui o sentido do ato que as conhece.” (p. 54). O que o autor quer dizer é que uma verdade não depende de ser conhecida para ser verdade, pois o seu caráter de eterno não concebe nenhum tipo de contraposição, nem mesmo a temporalidade de indivíduo. Contudo, a validade feita pelo mundo teórico a respeito da verdade invade o existir como evento, enriquecendo-

-o. Bakhtin diz que o ato de conhecer acrescenta algum tipo de significado no existir. Por isso, a contraposição entre a verdade eterna e a nossa pífia temporalidade tem um sentido não teórico.

O fato é que essa contraposição não teórica entre o temporal e o eterno para o indivíduo acaba assumindo “um caráter emotivo-volitivo: eis aqui a verdade eterna (e isso é bom), e eis a nossa imperfeita vida temporal, transitória, efêmera (e isso é mau).” (p. 56). Com tal afirmação, Bakhtin quer falar de um tipo de pensamento que é o participativo e que é desenvolvido na arquetônica do existir-evento.

Acho relevante a ideia de Bakhtin criticar o enaltecimento do teoricismo e de muitas de suas formas análogas em detrimento ao mundo do existir, principalmente na área da psicologia que assume o mundo teórico como uma entidade psíquica do existir. Para o autor, o psíquico é algo que o pensamento produz na forma abstrata e tem valor como qualquer existência transcendente (aqui Bakhtin assume que não é contra o abstracionismo). Além disso, não aceita que o ato do pensamento vivo seja parte psíquica, situado perto de tudo que é teórico apenas. Bakhtin usa o exemplo do teorema para dizer que não há como tornar realizáveis os conceitos matemáticos como se fossem coisas psíquicas. Nesse sentido, o desenvolver do mundo se dá fora do psíquico.

Para o autor não há ainda como unir teoria e vida que não se repete na tentativa de criar uma teoria como aspecto de outra, pois a vida é um instante do existir. A melhor saída necessária, segundo Bakhtin, “é reconduzir a teoria em direção não a construções teóricas e à vida pensada por meio destas, mas ao existir como evento moral, em seu cumprir-se real” (p. 58). Vejo que Bakhtin fala de uma saída que é a da prática real, que parte não da teoria, mas do seu ato e do seu conteúdo desenvolvidos no viver.

Sabe-se que para Bakhtin qualquer pensamento não é senão um daqueles momentos do meu viver. Acredito que o autor diz que o pensamento científico tem como objeto o mundo, que por sua vez é um mundo particular, que trabalha, digamos assim, por conta própria, mas que está de alguma forma unido, responsavelmente, ao evento singular do existir. Vejo que tal existir para ao autor não é algo feito por meio de uma atividade pensada ou do próprio pensar. É sim cumprida pelos indivíduos, isto é, apenas existe e é. Toda razão teórica é apenas um instante da razão prática, que é um momento vivido pelo sujeito único. Nesse sentido, categorias que não participam do existir, como as de consciência teórica, não podem defini-lo, pois tal consciência é separada do existir-evento. Assim, somente as categorias de participação real definem o existir.

O texto de Bakhtin parece querer mostrar ao leitor que o mundo teórico dentro do mundo da vida pode também esconder o não funcionamento do teorismo puro, assim como o fez Henry Bergson que chamou tal caso de estetização da vida. Para Bakhtin, Henry Bergson utiliza essa definição muitas vezes para definir a filosofia de vida. A crítica de Bakhtin é que a filosofia bergsoniana se apóia na contraposição entre a intuição filosófica e o conhecimento racional e analítico, sendo que o conhecimento racional e analítico são tirados da intuição, sobrando uma ínfima parcela de contemplação estética e uma diminuta porção de pensamento participante do sujeito. Assim, o que resulta dessa contemplação estética não é ela própria em si. Consequentemente, não há como apreender o evento único singular pela via de tal contemplação. O mundo da visão estética diverge completamente do mundo verdadeiro e que existe, isto é, nele o sujeito não está, pois foi abstraído. Para Bakhtin, “entre o sujeito e a sua vida, objeto da visão estética, e o sujeito portador do ato de tal visão, há a mesma incomunicabilidade de princípio que no conhecimento teórico.

Bakhtin diz que dentro da visão estética, em especial dentro do seu conteúdo, não há como encontrar a ação do sujeito que tem essa visão da contemplação e não há saída para a vida de dentro dela. Assim, o autor fala da empatia com o objeto da visão como sendo um dos pontos essenciais de tal contemplação. A empatia segue o momento da objetivação e, nesse momento, o sujeito sai de si mesmo, mas logo retorna, dando uma certa forma estética à individualidade. É interessante a forma como Bakhtin distingue o estético da vida real, ele diz: “o reflexo estético da vida viva não é por princípio autorreflexo da vida em movimento, da vida em sua real vitalidade: tal reflexo pressupõe um outro sujeito da empatia, que é extralocalizado.” (p. 61). Aqui há que observar que Bakhtin dá indícios de algo fora do sujeito. Há que atentar que este algo não é necessariamente um indivíduo, podendo ser um objeto, por exemplo.

Para o autor não é o sujeito que é tomado pelo objeto, mas é o indivíduo que consegue vivê-lo de forma empática. Vejo que Bakhtin quer mostrar aqui que a empatia tem a finalidade de realizar algo novo tanto no objeto quanto no indivíduo, enaltecendo e melhorando o existir-evento. Ou seja, o existir-evento acaba tornando algo inédito, sendo algo além do reflexo estético apenas. Penso que para Bakhtin essa explicação pode ajudar o leitor a compreender que a empatia pura, aquela em que há a perda do meu lugar, não é possível, pois o sujeito se perde no outro, como um dois em um. Essa perda acaba gerando e provocando o enfraquecimento do existir.

É interessante a maneira como o autor então explica o fato de que o não existir do sujeito na sua singularidade pode fazer com que ele não consiga um momento da sua consciência, isto é, o sujeito não seria capaz de realizar o existir, gerando uma certa empatia passiva. Há que observar, contudo, que tal empatia, assim como a perda de si, por exemplo, segundo o autor, “não têm nada em comum com a ação-ato *responsável* do renunciar a si mesmo ou da abnegação: na abnegação eu sou maximamente ativo e realizo completamente a singularidade do meu lugar no existir.” (destaque do autor, p. 63).

Para mostrar a diferença entre a empatia passiva e essa questão da ação responsável e da abnegação, Bakhtin então afirma que na abnegação e na ação responsável, o indivíduo está ligado ao existir-evento, assim como no caso de Jesus Cristo, que foi um dos que fez de tudo por todos, morrendo na cruz, mas que permanece vivo no mundo da vida, mundo tal que é bem diferente depois dele, ou seja, não há aqui uma empatia passiva ou uma perda de si. Empatia estética e empatia pura são diferentes. A segunda é aquela em que me perco no meu lugar. E, com a primeira, há como chegar ao evento por meio da compreensão.

Bakhtin diz que é preciso compreender a verdade e não apenas conhece-la. Para o autor é, a partir de dentro, do interior do ato responsável, que se pode chegar à unidade do existir. Apenas quando participo é que posso me afastar da abstração. Bakhtin usa as seguintes palavras: “No lugar do outro, como se estivesse em meu próprio lugar, encontro-me na mesma condição de falta de sentido” (p. 66). Vale retomar que esse outro não é apenas um sujeito, mas um objeto. Ou seja, o autor, nesse sentido, fala da compreensão de um objeto, da minha obrigação frente ao objeto. Somente quando participo dele, compreendo o existir.

Bakhtin alerta que algo está muito mais junto da unidade real do existir do que o universo teórico: o ser estético. Por isso mesmo, na sua visão, muitas vezes, o esteticismo acaba sendo persuasivo e tentador. Dizendo de outro modo, nessa vida de existir estético o indivíduo apenas atua, interpreta, mas ali ele não se encontra. Assim, tanto a responsabilidade do ator quanto do indivíduo recai sobre o próprio indivíduo, sendo um ato responsável seu e de mais ninguém.

Pelo que entendi do que Bakhtin quer dizer, o indivíduo da existência estética vive “a carne de um outro – de um morto” (p. 66). Além disso, é um indivíduo que vive momentos de “existir-como-evento” (p. 66), ou seja, e não como existir-evento de fato, fazendo parte dele e sendo apenas um momento da razão prática. Todas essas observações nos fazem concluir com Bakhtin que “nem o conhecimento teórico nem a intuição estética podem oferecer uma aproximação ao existir real



único do evento” (p. 67). Com o esteticismo, a impressão é de que há algo maior, mas não passa de engano, de ilusão.

Na visão do autor, a filosofia, que clama por ser a filosofia primeira, há tempos parece não dar conta de pontuar questões sobre o ato responsável e sobre o mundo. Sobre isso, o autor considera a importância de todos os ganhos filosóficos, mas não deixa de opinar: Bakhtin condena o positivismo, principalmente o pragmático; depois, critica o neokantismo, mesmo elogiando seus métodos científicos; enaltece a filosofia científica dos tempos atuais, mesmo a achando nada mais do que uma filosofia especializada; e fala daqueles que criticam os que pensam de modo participante como os materialistas históricos, que mais se aproximam da tentativa de criar um mundo em que o ato encontre abrigo. Dessa forma, alega que a filosofia teórica não pode querer ter para si a insígnia de filosofia primeira.

Bakhtin informa que a filosofia contemporânea não consegue solução do ato que está separado do seu conteúdo, motivo de sua crise, e que no máximo há como captar algo como o *élan vital* ou impulso vital proposto por Henry Bergson, mas alega que tal filosofia conhece de razão prática e de ética, o que, quanto à ética, tanto a formal quanto a material, ainda assim nada resolvem, sendo ambas repletas de falhas. Bakhtin fala que uma dessas falhas da ética material, por exemplo, está em dizer que não há normas éticas; a outra é a sua universalidade, isto é, o dever pode ser aplicado a qualquer um. Para o autor, um ato é ético apenas se guiado por uma norma moral, mas que a ética ignora qualquer direção moral que parte da consciência do indivíduo. O autor diz que a norma é singular apenas para as leis, para a religião, por exemplo. No caso da ética formal, esta considera que o dever não deriva de conteúdo e uma de suas falhas está na vontade como ato que estabelece uma lei, se submetendo a ela e morrendo no seu produto. Bakhtin fala que nesse processo de nascer e morrer em si mesmo, exclui de algum modo “a atividade individual real e histórica da ação” (p. 77) e isso cai no mesmo processo de ilusão encontrada na filosofia teórica. De dentro dessa filosofia, há a atividade da razão, algo que não se liga à atividade histórica responsável do indivíduo, assim como se dá na vontade. Bakhtin diz então que: “Tudo isso altera radicalmente o real dever moral e não fornece de fato uma aproximação à realidade do ato” (p. 77). O autor alega que na situação do ato, a vontade tem posição, isto é, é criativa, mas não se presta à formação de uma norma.

Bakhtin explica que somente partindo do ato há como obter uma proximidade com a realidade concreta e daí conseguir uma filosofia primeira. É do ato saindo do seu realizar que conhece a unidade da vida. O autor diz que “a respon-

sabilidade do ato conhece um único plano, um único contexto, no qual tal consideração é possível e onde tanto a validade teórica, quanto a factualidade histórica e o tom emotivo-volitivo figuram como momentos de uma única decisão.” (p. 80). Bakhtin diz que o ato responsável é então um produto, um tipo de conclusão final que reuni não só o sentido, o universal, o individual, o real, mas também o fato, o individual o ideal, por isso é “o desabrochar da mera possibilidade na singularidade da escolha *uma vez por todas*.” (destaque do autor, p. 81). O autor diz que o ato como verdade se mostra como a própria verdade e, assim, agrupa ou reúne os seus dois componentes como o individual e o universal. Nada de dizer que o ato é irracional, pois ele não é apenas racional, mas responsável. Bakhtin fala do ato real e concreto, informando que a verdade do ato pode ser experimentada e enunciada. Nesse sentido ele acaba trazendo um ponto importante relacionado à linguagem. Para o autor a linguagem é muito mais preparada para exprimir a verdade do que para mostrar sua lógica abstrata.

Bakhtin diz que em relação a sua pureza, “o que é abstrato, é verdadeiramente inefável: cada expressão é muito concreta para o sentido puro, e deforma e ofusca sua validade e a pureza do sentido em si”. (p. 83). Por isso, o autor alega que não há como alcançar a plenitude de uma expressão por meio do pensamento abstrato. Acredito que a intenção do autor é mostrar ao leitor que a linguagem, desde o berço, ou seja, desde o seu nascimento está a serviço “do pensamento participante e do ato” (p. 84). Nesse sentido, Bakhtin quer defender a ferro e fogo a plenitude da palavra, tanto no que diz respeito ao seu conteúdo-sentido quanto ao emotivo-volitivo. Tanto em um quanto em outro a palavra em sua totalidade pode ser significativa de forma responsável, ser algo além do subjetivo e do fortuito, isto é, pode ser a verdade ou a tão conhecida *pravda*. Para o autor, é possível, mas não fácil, exprimir o existir-evento singular e o ato de que participa, sendo uma adequação de tudo isso ainda mais complicado.

É válido perceber o que Bakhtin explica ainda sobre a filosofia primeira. Tal filosofia, aquela que busca sem sessar a aproximação do existir “como o conhece o ato responsável” (p. 84) não consegue criar conceitos gerais, universais pertencentes ao mundo teórico e, por isso, o autor sugere uma descrição de tal mundo apenas. Há ainda o fato de que a descrição deve seguir uma participação. Nas palavras de Bakhtin, o tal “mundo-evento não é somente o mundo do existir, da dádiva; nenhum objeto, nem uma só relação se dá aqui como simplesmente dado, como simplesmente, totalmente, presente; é sempre dado junto com alguma coisa a ser feita, a ser alcançada, ao qual está ligado: deve-se, é desejável...” (p. 85).

Para mostrar essa situação o autor utiliza o exemplo da experiência direta com o objeto. A intenção é falar que, quando o sujeito tem uma relação com o objeto, tal objeto se move na direção de alguma coisa posta nesta atividade, tomando força na nossa relação. O interessante é que até quando o sujeito pensa no objeto esse movimento acontece e torna algo por ser realizado. Assim o objeto é e o que deve vir a ser.

Sobre isso e fazendo uma analogia, Bakhtin então usa a palavra. Na visão do autor, a palavra plena não tem muito a ver com o objeto, mas a partir do momento em que o sujeito passa a mencioná-lo, já entra em contato com ele, “em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação” (p. 85). O fato é que quando o sujeito avalia tal objeto, isto é, observa e percebe que tipo de objeto é, se é ou não importante ou, como nas palavras do autor, se desejável ou não, ele o movimenta em direção “do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo” (p. 86).

Bakhtin fala que tudo que é experimentado possui um “tom emotivo-volitivo” (p. 86), havendo um vínculo, portanto, entre conteúdo e seu valor dado por aquele que de algum modo pensa. Aqui o autor cita Rickert e Hobbes para falar sobre como a filosofia contemporânea trata o mundo da cultura. A afirmação de que experimentar algo e que o emotivo e volitivo apenas têm unidade no mundo da cultura, sendo algo casual e que fora dela não agrada Bakhtin, que insiste no contexto em que o sujeito participa da vida singular.

O autor, assim, implanta as raízes da responsabilidade do sujeito que é ativa no tom emotivo-volitivo. Para Bakhtin quanto mais enalteço a unidade teórica, mas fraca é a singularidade individual, e, o inverso, é que se a singularidade está distante da unidade teórica, tal singularidade pode se tornar real. “A inclusão responsável na singularidade única reconhecida do ser-evento é o que constitui a verdade [*pravda*] da situação” (p. 95). Nesse sentido o autor quer chegar a um fator imprescindível: a participação do próprio indivíduo no evento, no seu existir singular.

O autor aborda que na consciência responsável, algo que se dá sem princípios, está o reconhecimento da participação real do indivíduo. Participação que não se dá por vias teóricas, mas pela via vivenciada e participada, dando origem ao ato singular do sujeito. Nesse instante o indivíduo é e ocupa um lugar único que não permite que outro o ocupe. Nesse momento nasce o ato do indivíduo. Indivíduo este que é insubstituível por outro. Nesse mesmo instante, nada pode

ser realizado por outro se eu tenho que realizá-lo. É neste momento que Bakhtin apresenta então a sua questão sobre “meu não-álibi no existir” (p. 96). Desse modo, percebendo não haver álibi para o meu existir, me obrigo a reconhecer o fator próprio do ato que é a minha participação.

Bakhtin diz que a minha singularidade é atualizada quando ajo, partindo de mim mesmo. Não ter álibi para o meu existir muda minha vazia possibilidade em *pravda*, em ato responsável real. Para o autor, “ser realmente na vida significa agir” (p. 99). É essencial desbravar o existir onde o próprio existir não se iguala a nada, nem a si mesmo. Desse modo, para ele, mudar a possibilidade vazia em ato, significa ser real no viver. Ainda assim, tudo que tem relação com o conteúdo, com o verdadeiro, com o bom e o belo são possibilidades que podem tornar-se reais se eu participar do ato, que deve ser responsável, seja quando eu me movimentar, ao agir, seja ao experimentar, pensar, sentir, pois apenas desse modo eu posso viver de verdade; “é somente sob esta condição que eu realmente vivo, não me separo das raízes ontológicas do existir real. Eu existo no mundo da realidade inelutável, não naquele da possibilidade fortuita.” (p. 101).

Bakhtin lembra que o indivíduo consegue afirmar ou não afirmar singularmente porque estas são possibilidades que não se relacionam ao sentido de fato. Esse fato, ou seja, o sentido desligado da singularidade é tido como um plano a ser cumprido, é como “um documento não assinado que não obriga ninguém a nada.” (p. 101-102). Percebo que o autor quer aqui ser enfático e dizer que o existir pronto é maléfico, pois destrói os múltiplos mundos pessoais existentes, que são válidos e irrepetíveis. Entre as muitas visões de mundo de cada participante, segundo Bakhtin, não existem contradições nem do interior da consciência nem do lugar de cada sujeito, pois a verdade “(*pravda*) do evento não é, em seu conteúdo, uma verdade (*istina*), identicamente igual a si mesma; é, ao contrário, a única posição justa de cada participante, a verdade (*pravda*) do seu real dever concreto” (p. 104). Vale dizer que a *istina* está ligada ao pensamento abstrato.

Bakhtin termina a Introdução dizendo que há como compreender a vida e que isso se dá apenas na responsabilidade concreta e por meio da consciência. Não há como compreender a vida como algo pronto, “como ser-dado” (p. 117). A vida deve estar junto da responsabilidade para possuir uma filosofia.

Bakhtin então inicia a Primeira Parte do livro reiterando e fazendo ainda considerações sobre algumas coisas que disse na introdução e explica que se o sujeito se abstrai do seu centro, isto é, do mundo unitário, vivido de modo responsável, além de não atentar para o emotivo-volitivo, a singularidade concreta e a realidade do mundo se desmancham.

Depois de reiterar tais fatos, Bakhtin então mostra a sua real intenção nesta Primeira Parte, que é a de fazer uma descrição da arquitetônica real concreta do mundo vivido, utilizando participantes reais. Para fazer com que o leitor então faça a idéia de tal arquitetônica, isto é, para tal demonstração, o autor analisa um exemplo do mundo da visão estética ou da arte. A escolha por esse mundo se dá, segundo o autor, porque este é repleto de matizes emotivo-volitivos, sendo ainda o que mais se aproxima do mundo do ato. Assim, para isso, toma um poema de Pushkin, chamado *Razluka* [Separação] para nos dar uma idéia ou uma noção do que é esta arquitetônica concreta, algo para ele imprescindível. Por meio desse poema e de sua análise, Bakhtin, genialmente, nos faz perceber o lugar que ocupa o objeto nesta imensa arquitetônica concreta do evento, ou seja, a eventicidade, e como os atos responsáveis comparecem. O autor aponta um ingrediente importante: o valor. Nesse sentido, tudo é voltado para o “centro avaliativo concreto” de forma arquitetônica. Bakhtin mostra por fim que todo este mundo, “nele não estou” (p. 140). Os outros, eu os encontro, mas eu estou fora desta arquitetônica, por princípio. Participo dele, contemplando. E, nas suas quase últimas palavras o autor diz: “A singularidade de um ser humano contemplada esteticamente não coincide, por princípio, com a minha singularidade” (p. 142).

Para a arquitetônica real, a atividade estética é uma participação especial e objetivada. De dentro do mundo da estética não há saída para o ato do sujeito. Assim, se olho para a arquitetônica real do mundo da vida, do contrário, percebo a minha singularidade e a singularidade de cada outro. Bakhtin diz: “como eu-único, emergo do interior de mim mesmo, enquanto a todos os outros eu os encontro – e é nisso que consiste a profunda diferença ontológica do evento” (p. 142). Assim, o autor explica que o princípio da arquitetônica do mundo real do ato é contraposto por dois centros de valores, o eu e o outro, ao redor do qual orbitam momentos do existir concretamente.

Bem, essa parece ser a orientação bakhtiniana para a filosofia do ato responsável.